

historia: fronteiras



Vol. II

Eunice Nodari
Joana Maria Pedro
Zilda M. Gricoli Iokoi
(organizadoras)

Volume II



História: Fronteiras

XX Simpósio Nacional da ANPUH

Florianópolis-SC

Julho de 1999

ANPUH

Humanitas
FFLCH/USP

1999

DESAFIANDO HERÓIS E MITOS NACIONAIS: HOMOSSEXUALIDADE NAS MARGENS DA HISTÓRIA BRASILEIRA

James N. Green
California State University, Long Beach

Como bem sabemos, o ano 1968 foi um momento de mobilizações mundiais, onde a juventude protestava a guerra do Vietnã e os regimes autoritários. Nos Estados Unidos, o processo de mobilização popular surgiu nos anos 50, com o movimento pelos direitos civis contra o *apartheid* americano, ou seja, as leis do sul que segregavam os negros dos brancos. Nos anos 60, a combinação da contracultura juvenil, a expansão do movimento negro e o crescente movimento contra a intervenção norte-americana no Vietnã abriu um processo político, social e cultural que deu espaço para um novo movimento feminista, um movimento de gays e lésbicas, além de um movimento ecologista, entre outros.

Em junho de 1969, no verão quente de Nova Iorque, a polícia atacou o bar Stonewall, um bar freqüentado por homossexuais, no bairro boêmio de Greenwich Village. Em vez de aceitar passivamente a repressão policial, começaram três dias de violentos protestos contra estas medidas governamentais. Logo depois, surgiram novos grupos, entre eles o *Gay Liberation Front*, a Frente de Liberação Gay, que adotaram uma política radical frente à discriminação social, superando as pequenas organizações fundadas nos anos 50, como o *Mattachine Society*, que trataram de conseguir “compressão” por meio de diálogos com as autoridades, psicólogos etc, entre outras atividades. Em 1973, fundou-se o *Gay Academic Union* (União de Acadêmicos Gays), que incentivou uma produção intelectual sobre a homossexualidade, ensaios teóricos e pesquisas históricas. Apareceram trabalhos his-

tóricos importantíssimos como o livro por John Boswell, *Christianity, Social Toleration, and Homosexuality* (Cristianismo, Tolerância Social e Homossexualidade) publicado em 1980, que analisou a transformação de atitudes frente ao homoeroticismo na Idade Média; e, em 1981, o trabalho de Lillian Faderman, *Surpassing the Love of Men: Romantic Friendship and Love Between Women from the Renaissance to the Present* (Ultrapassando o amor por homens: amizades românticas e amor entre mulheres desde a Renascença até o presente). Como produto desta atividade política e da produção acadêmica, professores começaram a oferecer cursos sobre estudos gays e lésbicas em centenas de universidades nos Estados Unidos. Hoje em dia, o número de títulos em inglês sobre estes assuntos é tão grande que é quase impossível acompanhar tudo o que está sendo escrito.

Uma tendência na produção histórica durante as décadas de 70 e 80 era a procura de heróis ou figuras famosas do passado, com o objetivo de provar que eles eram homossexuais para reforçar o sentimento do orgulho de ser homossexual. Muitas vezes, os acadêmicos engajados alegavam comportamento homoerótico às mulheres e homens com provas indiretas, como, por exemplo, cartas com linguagem carinhosa ou o fato de alguém nunca ter se casado. Havia também a tendência de projetar conceitos modernos à identidade gay e lésbica nestas figuras do passado.

Michel Foucault e outros estudiosos entraram neste debate argumentando que o homossexual moderno é produto de um processo de medicalização no final do século XIX, e que a sexualidade e identidade sexual são socialmente construídos. Mais recentemente, alguns acadêmicos popularizaram a idéia de *queer studies* como novo ângulo para estudar gênero e sexualidade. A palavra *queer*, que originalmente tinha uma conotação pejorativa como as palavras “bicha” ou “viado,” foi reutilizado no começo dos anos 90 por um grupo de ativistas radicais os *Queer Nation*, que organizava protestos contra a discriminação. Logo depois, no meio acadêmico de crítica literária, surgiu a *Queer Theory*, como instrumento de analisar a construção de gênero, sexualidade e identidade. Atualmente em dia, a idéia de *Queer Theory* tem tantos significados como proponentes. Eu gostaria de usar

alguns dos conceitos encaixados nesta constelação de idéias associadas com a *Queer Theory* para sugerir alguns novos caminhos de entendimento da sociedade e cultura brasileiras¹. Uma das idéias associadas à *Queer Theory* é a noção de que a construção de gênero pode ser fluída e que identidades sexuais são menos rígidas do que geralmente se entende. Este conceito pode ajudar a teorizar uma aparente fluidez na sexualidade de muitos brasileiros². Outra idéia desenvolvida pela *Queer Theory* é a de que os desejos sexuais de um indivíduo e a sua vivência numa sociedade heteronormativa pode influir na sua produção artística e literária. Para dar um exemplo norte-americano, o famoso compositor Cole Porter, um homossexual, escreveu músicas cheias de duplo sentido. Uma leitura *Queer* de suas canções pode decifrar estes códigos. Um estudo da sua vida privada pode ajudar a entender como a alta sociedade americana tolerava ou marginalizava sexualidades transgressoras nos anos 20 e 30.

Para dar outro exemplo, a análise de Rock Hudson, um homossexual, como símbolo de heterossexualidade nos anos 50, oferece-nos novos ângulos para entender a cultura americana e as suas relações perante as noções de masculinidade no época pós-segunda guerra mundial³. Em outras palavras, o marginal e o transgressor podem estar no centro do processo de compreender como funciona uma sociedade e suas culturas.

No ano passado visitei o Centro de Estudos Brasileiros na USP para ver a coleção de arte de Mário de Andrade. Conversei com uma pessoa no centro que é considerada uma especialista no trabalho literário de Mário de Andrade. Perguntei à acadêmica:

“- A senhora pode explicar porque Mário de Andrade rompeu com Oswald de Andrade em 1929?”

“- Quem sabe? ela respondeu vagamente.”

“- Não foi por causa da coluna que Oswald de Andrade publicou na revista de antropofagia onde ele chamou Mário de “Miss São Paulo?”⁴.

“- Bom, isso tal vez foi a gota d’água”, ela me concedeu. “Por que o senhor está tão interessado neste assunto?”

Eu expliquei que estava terminando pesquisas para um livro sobre homossexualidade masculina no Brasil do século XX.

“- E o Mário de Andrade vai sair neste livro?” ela perguntou ansiosamente.

“- Sim e não” - respondi. “Infelizmente a gente não sabe muito sobre a vida sexual dele”.

“- Eu acho muito bom”, ela insistiu. “Eu acho que não tem nada a ver investigar a vida particular dele”.

Eu respondi:

“- Mas, nós sabemos muito sobre a vida privada de Oswald de Andrade. Se comenta muito sobre a influência das amantes dele.

– Tarsila do Amaral, Patrícia Galvão e outras. Porque não estudar a influência da homossexualidade de Mário de Andrade na sua produção artística?”

– Ela suspirou e comentou: – “Bom, o senhor tem razão, e se desculpou por que tinha muitas coisas para fazer”.

A moral desta história é simples. A orientação sexual de certas personalidades famosas da cultura ou história brasileiras, como Mário de Andrade, é considerada uma coisa privada, não se toca nesse assunto, mas as aventuras sexuais de outros como Oswald de Andrade, Jorge Amado e Gilberto Freyre são considerados elementos importantes para entender aspectos da produção artística ou intelectual deles. Esta defensora da imagem pública de Mário de Andrade como pessoa que não tinha desejos sexuais ou uma vida privada complicada, apenas reflete uma atitude hegemônica sobre gays e lésbicas brasileiros, ou seja, “Pode fazer o que você quiser dentro de quatro paredes, mas não diga nada a ninguém”⁵.

Na verdade, as paredes entre as imagens públicas e a realidade privada ainda são de grande modo impenetrável, com respeito ao homossexualismo. Nos últimos anos, o movimento brasileiro de gays e lésbicas, influenciado por idéias internacionais, dá importância ao “assumir-se” e ao “descobrir heróis gays e lésbicas”, desafiando esta perspectiva tradicional. Luiz Mott, importante ativista gay por mais de vinte anos e professor de antropologia na Universidade Federal da Bahia, tem documentado a violência sistemática contra gays, travestis e lésbicas. Luiz Mott também coloca a hipótese que figuras nacionais como a Imperatriz Leopoldina e Maria Quintéria eram lésbicas⁶. Em 1995 Mott declarou, no aniversário de trezentos anos da execução de Zumbi, que o grande

dirigente do quilombo Palmares talvez fosse gay. Por causa desta hipótese acadêmica e histórica, a vida de Luiz, foi ameaçada e a sua casa e carro danificados. Não importa se você concorda ou não com as colocações históricas de Luiz, (e neste caso, particularmente, não compartilho de suas hipóteses). O importante é ressaltar que, com raras exceções, heróis nacionais estão totalmente impregnados das noções de heteronormatividade.

No exterior, o Brasil é conhecido como a terra do Carnaval, onde há uma tolerância sexual que se manifesta na visibilidade de travestis e homens vestidos de mulheres durante os três dias antes da Quarta-Feira de Cinzas. As minhas pesquisas sobre a história social de homossexualidade no Rio e São Paulo, desde as últimas décadas do século passado, indicam que o espaço social conquistado por mulheres e homens que transgridem as normas sociais de gênero é muito mais inseguro que a imagem estereotipada pelos promotores do Riotour. Para provar esta colocação, quero falar sobre uma pessoa que em muitos sentidos é a exceção que prova a regra.

Uma subcultura homoerótica vibrante e diversa existia nos centros urbanos mais importantes do Brasil desde pelo menos as últimas décadas do século XIX. No Rio, a Praça Tiradentes, conhecida no século XIX como o Largo do Rossio, era o centro deste *demi-monde*. Tenho documentação que indica que desde pelo menos 1870, homens que buscavam encontros sexuais com outros homens apropriaram o parque onde reinava a estátua de Dom Pedro I. Este lugar era tão intimamente relacionado aos “frescos” – gíria pejorativa para os homossexuais naquele tempo – que este desenho apareceu na publicação *O Malho* em 1904.

No desenho, o “fresco” se veste com roupa da moda, mas exagerada. A sua figura está desenhada no estilo clássico para representar mulheres na *Belle Époque* brasileira. A estátua de D. Pedro I localiza o parque e o seu espaço urbano no Largo do Rossio. Por causa das reformas urbanas de Pereiro Passos, que atingiram o Largo do Rossio, o nosso amigo não pôde trabalhar como prostituto masculino.

Ante a cruel derrocada / Do Rossio dos meus sonhos, / A musa desocupada, / Embora em versos tristonhos, / Vai jogar uma carta-da: / É bem dura a colisão / Que me tolhe a liberdade / Desta ingrata profissão; E ao prefeito da cidade / Requero indenização! (...)⁷.

A representação do estilo de se vestir, a prostituição, o comportamento meio afeminado, o termo “fresco” e a especificidade do local, como lugar privilegiado para aventuras homoeróticas, aparece em outro desenho do mesmo período, também publicado na revista *O Malho*. O desenho, assim como o título “Escabroso”, representa dois homens conversando. Um é maior, quase monstruoso, e masculino. O outro é menor, de apresentação afeminada, delicada, sofisticada. O nosso “fresco” comenta:

Mas que calor tem feito! Não há cajuada, nem refrescos que cheguem (...) seu comendador! Calcule que todas as noites levo (...) à procura de algum lugar em que possa haver “fresco”. / O largo do Rossio não serve?⁸.

Mais uma vez um jogo de palavras permite ao desenhista representar noções comuns sobre o “fresco” e a sua territorialidade. O homem corpulento, o comendador, pode classificar o seu amigo inferior e colocá-lo claramente no seu espaço, no seu lugar. O desenhista sabe que os leitores vão entender os códigos encaixados no desenho e achar graça nestas piadas.

O “fresco” mais famoso do Rio durante a Bela Época, ou seja, entre 1899 aproximadamente e a Primeira Guerra Mundial, era Paulo Alberto Coelho Barreto, conhecido como João do Rio. A sua disposição em visitar as favelas e os subúrbios revolucionou o jornalismo carioca. Ele é considerado o primeiro repórter moderno. Com vinte e nove anos de idade foi eleito para Academia Brasileira das Letras. Emílio de Meneses, outro membro dos círculos cariocas de literatura, supostamente escreveu as seguintes linhas sobre a eleição de João do Rio para a Academia Brasileira das Letras. “Na previsão de próximo calores / A Academia, que idolatra o frio, / Não podendo comprar ventiladores / Abriu as portas para o João do Rio”⁹.

Em muitas ocasiões, seus inimigos o associaram a símbolos públicos de homossexualidade para desacreditá-lo. Um exem-

plo disto é um desenho da revista satírica *O Gato*, de 1911. Este desenho de uma página inteira da revista mostra João do Rio com o famoso poeta Olavo Bilac. Bilac está tocando a bunda de uma estátua grega e João do Rio está admirando os dotes do outro lado. Um comenta: “Soberbo, não é?” O outro responde: “Que delícia se todos os homens fossem assim!”¹⁰. Não sei se Olavo Bilac realmente desejava sexo com outros homens. Os seus biógrafos insistem que o seu *status* de solteiro perpétuo era por conta de uma paixão a uma mulher, na sua juventude, que não resultou em casamento¹¹. De qualquer modo, ele não gerou tanta reação negativa como gerou João de Rio. Mesmo se as insinuações sobre Bilac estejam sem base, elas revelam a vulnerabilidade que as figuras públicas sofrem por causa do preconceito contra um comportamento que não se conforma às regras sociais hegemônicas.

Uma das maneiras de atacar João do Rio era de chamá-lo João do Rossio, para associá-lo com os “frescos” do Largo do Rossio. Pouco antes de falecer, João do Rio tomou uma posição editorial a favor de interesses portugueses no conflito com o Brasil sobre os direitos de pescar em águas brasileiras. Um crítico à postura de João do Rio escreveu um ataque contra o jornalista carioca: “João do Rocio (...) fundou aí um jornal que ele chama *Pátria*, mas que deve ser chamado *Mátria*, pois em se tratando de Paulo, tudo é feminino”¹². O autor seguiu o seu ataque agressivo ameaçando que “os pobres e perseguidos pescadores brasileiros, (...) sabem matar peixe e sabem também matar traidores e pederastas passivos”¹³.

João do Rio representava as aspirações culturais da elite brasileira que imitava as últimas modas da Europa. Ele arremendava as últimas idéias literárias e modas européias e as reciclava no Brasil para um público que se divertia com seu estilo, humor e arrogância.

Em público, João do Rio mostrava-se como um dândi europeu sofisticado, mas ele, da mesma forma que Mário de Andrade, manteve uma vida privada bastante discreta. Talvez a sua preocupação em não divulgar os detalhes de sua vida amorosa explicasse como este “fresco” logrou chegar às alturas da *high society* carioca. Na medida em que ele elogiou e reproduziu as normas

valorizadas pelas classes dominantes, ele conservou o seu respeito. Jeffrey Needell no seu livro *A Tropical Belle Époque* concorda com esta observação. De acordo com Needell, João do Rio:

(...) escreveu sobre o mundo da elite carioca, não como era, senão como a elite imaginava este mundo. Nas fantasias criadas do mundo da belle époque carioca, ele ajudou o elite ser consciente e contente na sua posição social. Também fazendo a cultura e a sociedade da elite o centro da sua lisonjeada atenção, ele a legitimava¹⁴.

Quando ele opôs uma postura popular, como no caso da sua posição frente aos interesses dos pescadores portugueses no Brasil, a cortina de tolerância caiu e ele se achou vulnerável a todos os preconceitos e estereótipos em relação aos “frescos” que prevaleciam na sociedade brasileira.

Este dândi frívolo podia gozar de fama e fortuna na medida em que sua vida pessoal era discreta e suas posturas públicas não geravam controvérsias. As mesmas observações são válidas para outras figuras literárias famosas, como Olavo Bilac e Mário de Andrade, cujos encontros sexuais e amorosos com outros homens se mantêm até hoje envoltos em mistério e protegidos por mitos nacionais. A tolerância para figuras efeminadas que reproduzem o *status quo* cultural e social vai continuar durante o transcurso do século XX. Modistas, costureiros e cabeleireiros da alta sociedade, que reproduzem as normas da feminilidade, vão encontrar o seu lugarzinho entre a elite na medida em que reforçam as representações do feminino e do afeminado.

Figuras como Mário de Andrade, artistas, compositores e escritores que freqüentavam os bairros boêmios do Rio nos anos 30 e 40 lograram uma aceitação relativa dentro do seu círculo, enquanto eles esconderam cuidadosamente os segredos dos seus desejos para com outros homens do público em geral. Assim foi o caso do cantor Chico Alves, que tinha uma preferência por meninos e, de acordo com um colega de seu círculo, não escondia o fato de que tinha aventuras sexuais com outros homens em lugares públicos. O cantor Jorge Goulart lembrava como os seus amigos protegiam o mito em torno de Chico Alves:

No nosso grupo falava-se abertamente dos hábitos sexuais do Chico, diziam que era “fanchono”, que gosta de transar com garotinhos. Já comentei esse fato com algumas pessoas, o assunto é tabu. Não admitem tocar no mito, ou melhor, o mito não comporta uma informação como essa, como se fosse o fim do mundo¹⁵.

Alcir Lenharo, um historiador que escreveu sobre cantores do rádio desta época explicou:

(...) a homossexualidade masculina era escondida a ponto de não se permitir e uma tal revelação vazasse, ficando contido nos meandros do próprio grupo. Entre os artistas, os colegas homossexuais eram discriminados e também ridicularizados como em qualquer outro meio. E disso não passava. A repressão interna, o tratamento discriminador os convertiam em homens marcados, sofridos (...) ¹⁶.

Mas as mesmas pessoas defendiam o homossexual quando este era agredido por elementos fora do grupo.

Na minha própria pesquisa sobre a história social da homossexualidade masculina no Brasil do século XX, prestei mais atenção ao “viado” ou “bicha” comuns e a maneira com que se negociavam por meio de uma rede complexa de restrições sociais, em vez de dar ênfase às figuras públicas e famosas.

Para terminar, quero mencionar algumas idéias para futuras pesquisas sobre a história da homossexualidade no Brasil, a maneira em que os sistemas de gênero no país configuram construções de masculinidade e feminilidade, e como estas construções se modificam no transcurso do tempo.

Primeiro, é fundamental que haja mais produção histórica sobre mulheres que amavam e transavam com outras mulheres. Quais foram as formas de sociabilidade nos anos 30, 40, e 50? Em uma foto de 1962 uma mulher se vestiu de homem, conseguiu documentos falsos indicando que era do sexo masculino e casou-se no civil com uma outra mulher. Quando a polícia descobriu que este homem não era homem, a sua “esposa” negou qualquer conhecimento do fato de seu marido ser uma mulher. Quais são os jogos que estão acontecendo aqui? Acredito na existência de dezenas de casos parecidos. É só uma questão de descobri-los para poder analisá-los. Outra questão nunca bem expli-

cada, a meu ver, é porque tantas cantoras brasileiras famosas transaram com outras mulheres. Como trata e tratou a sociedade brasileira estas figuras públicas que transgrediram as normas heterossexuais?

Segundo, como se operavam as relações homoeróticas no século XIX? Compreendemos alguma coisa sobre a época colonial devido à importante pesquisa de Luiz Mott sobre a Inquisição, mas sabemos pouco sobre o século XIX.

Terceiro, a maioria dos trabalhos históricos e antropológicos sobre homossexualidade no Brasil focam o Rio de Janeiro, São Paulo, ou Salvador onde parece haver mais fontes do que em outras cidades e áreas rurais. Como era a vida no interior ou em outras capitais? Acredito que um trabalho de “formiga”, metuculoso, deva revelar muito material importante e interessante.

NOTAS

¹Só para mencionar alguns trabalhos de *Queer Theory*, ver BERLANT, Lauren and WARNER, Michael. “What Does Queer Theory Teach Us about X?” In *PMLA* 110, nº 03, 1995, pp.343-349; BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of “Sex”*. New York, Routledge, 1993; and “Critically Queer,” In *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, nº 01, 1993, pp. 17-32; LAURETIS, Teresa de. “Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities”. In *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies* 3, nº 02, 1991, pp. 111-118; DUGGAN, Lisa. “Making It Perfectly Queer”. In *Socialist Review* 22, 1992, pp. 11-31; EDELMAN, Lee. “Queer Theory: Unstating Desire”. In *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies* 2, nº 04, 1995, pp. 343-346; HENNESSY, Rosemary. “Queer Theory, Left Politics”. In *Rethinking Marxism* 7, nº 03, 1994, pp. 85-111; MALINOWITZ, Harriet. “Queer Theory: Whose Theory”. In *Frontiers* 13, 1993, pp. 168-84; SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the Closet*. Berkeley, University of California Press, 1990; WARNER, Michael Warner, (ed.). *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1993.

²Ver PARKER, Richard. *Beneath the Equator: Cultures of Desire, Male Homosexuality, and Emerging Gay Communities in Brazil*. Routledge, New York, 1999.

³Para um ensaio sobre a representação da masculinidade de Rock Hudson promovido pelos estúdios de Hollywood nos anos 50, ver MEYER, Richard. “Rock Hudson’s Body”. In FUSS, Diana (ed.). *Inside/Out: Lesbian Theories, Gay Theories*. New York, Routledge, 1991, pp. 259-288.

⁴Oswald de Andrade publicou o seu comentário sobre “Miss São Paulo” num artigo, “Os Três Sargentos,” na *Revista de Antropofagia*, que saiu no *Diário de São Paulo*, 14/04/1929, p. 06. Ele assinou o artigo Cabo Machado em referência ao poema sensual e nacionalista, “Cabo Machado” que Mário de Andrade escreveu em 1926 sobre um soldado com tal nome.

James N. Green

⁵ Ver PARKER, Richard G. *Bodies, Pleasures and Passions: Sexual Culture in Contemporary Brazil*. Boston, Beacon Press, 1991.

⁶ MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987, pp. 34-41.

⁷ *O Malho*. Rio de Janeiro nº 93, 23/06/1904, p. 31.

⁸ LIXTO, K. (Calixto Cordeiro). *O Malho*. Rio de Janeiro nº 20, 28/03/1903, p. 14.

⁹ MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, p. 126.

¹⁰ SETH, Álvaro Marins. *O Gato*. Rio de Janeiro, 1911.

¹¹ MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Americana, 1974, pp.84-91; e JORGE, Fernando. *Vida e poesia de Olavo Bilac*. São Paulo, Livraria Exposição do Livro, s/d., pp. 97-136; 150-162 e 306-312.

¹² RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: Uma biografia*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1996, pp. 244-245.

¹³ *Idem*, p. 245.

¹⁴ NEEDELL, Jeffrey D. *A Tropical Belle Époque: Elite Culture and Society in Turn-of-the-Century Rio de Janeiro*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987, p. 209. (tradução minha).

¹⁵ LENHARO, Alcir. *Cantores do rádio: a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1995, p. 28.

¹⁶ *Idem*, p. 27.